



# Um legado de família a criar memórias

Com grande valor sentimental, a Quinta do Paraíso foi, durante décadas, propriedade da família de Ana Catarina Rodrigues. Local de férias de Verão onde a família toda se reunia, aprendeu a andar de bicicleta lá e a ter o primeiro contacto com plantações e culturas tradicionais. Em 2016, quando herdou o espaço, transformou-o em alojamento local, mantendo sempre um pouco da vivência que teve durante a sua infância.



CHECK-IN



A Quinta do Paraíso, localizada na Vila de Rabo de Peixe, foi casa de verão da família Matias Tavares durante várias gerações. Ana Catarina Rodrigues recorda-se das temporadas de Verão que ali ia passar com os pais, tios e primos. “Éramos muitos e brincávamos livremente na quinta”, sendo uma longa tradição de família.

Na década de 90, a sua mãe herdou aquele espaço que continuou a ser a casa de Verão da família e “uma quinta de muita fartura de frutícolas, especialmente citrinos”, como no tempo dos seus avós. Recorda-se que aos sábados, no Inverno, a sua avó deslocava-se à Quinta pagar aos homens que recolhiam a fruta e “ia carregada com fruta e legumes”, distribuindo depois pelas casas das filhas dos empregados. “Realmente era uma abundância...”

Há 3 anos, quando Ana Catarina Rodrigues herdou a Quinta pensou logo em transformar a mesma num espaço para turismo rural “pois tinha todas as condições

para oferecer aos turistas uma experiência única de viver no campo e de contacto com a natureza”. Com uma miscelânea de quinta e moradia, o edifício remonta ao ciclo da laranja, nomeadamente entre os finais do século XVIII e a década de 80 do século XIX. “A casa estava em bom estado de conservação, portanto não foi reconstruída mas sim remodelada, aproveitando-se todos os espaços disponíveis e mantendo a fachada que é muito antiga e bonita”, como conta Ana Catarina Rodrigues. “A decoração é simples e contemporânea.” Como uma típica quinta açoriana, encontra-se “dividida em quartéis de vara pequena, rodeada por sebes de incenso para resguardar as culturas dos ventos fortes”.

A Quinta do Paraíso conta com 3 suites no rés-do-chão em que estas eram “lojas” no tempo do avô da proprietária, José Matias Tavares. Um quarto de arrumos para as alfaías agrícolas, um quarto para guardar as colheitas e um outro que

era o cofre com uma porta blindada onde José Mathias Tavares “guardava os documentos importantes e outros objectos” passando a designar-se Loja dos Arrumos, Loja da Batata e Loja do Cofre respectivamente. No 1.º andar, encontra-se a “casa propriamente dita, tipo solar, totalmente remodelada com 2 quartos. No espaço onde antigamente era o galinheiro, foi feito um jardim de Inverno todo envidraçado com uma vista para o jardim de ervas aromáticas e com flores”. Ana Catarina Rodrigues conta que graças ao bom gosto da sua mãe, foi “muito fácil decorar a casa com as coisas bonitas herdadas e outras que lá ficaram”. Relativamente às dificuldades aquando da intervenção na Quinta do Paraíso, revela terem sido as que habitualmente se encontra numa casa antiga. No entanto, “uma casa antiga apresenta muitas surpresas”. Quando herdou a Quinta, encontrou, onde é actualmente a suite Loja do Cofre, caixas de vinho do

Porto Sandeman do ano de 1943. “Contactei o Instituto do Vinho do Porto que me informou que as garrafas tinham sido engarrafadas naquele ano, mas que a data da colheita era imprecisa pois o lote era uma mistura de várias colheitas”. No entanto, aquele achado foi uma relíquia!

A “antiga adega foi transformada em sala de jantar e de convívio onde no Inverno a lareira está sempre acesa para um maior conforto”. Lá, existe também um lagar completo em pedra de basalto muito antigo. No jardim exterior, os hóspedes podem cozinhar e conviver entre eles no alpendre e desfrutar da piscina que ali se encontra “onde toda a vegetação circundante é reflectida na água criando um cenário muito bonito”.

Através de uma parceria, realizada com uma quinta localizada também naquela zona, são oferecidas várias actividades aos hóspedes, como meditação, ioga e caminhadas. A Quinta do Paraíso já foi “palco” de uma aula de ioga ao ar livre. Segundo a proprietária, “foi um momento único com o som dos pássaros. Até os cães, não sei como, relaxaram completamente no tape-

te de ioga. Foi uma experiência incrível”. O espaço da antiga adega já foi cedido para jantares temáticos e vegetarianos aos grupos de ioga da quinta vizinha. “Geralmente, é o primeiro jantar na ilha dos participantes dos retiros de ioga, que não se conhecem e que têm a oportunidade de se conhecerem e de provarem comida caseira com sabores locais.” Para além destas actividades, do contacto com a natureza e as actividades agrícolas, a Quinta do Paraíso não oferece, para já, nenhum serviço especial. No entanto, a proprietária refere que “gostaria muito de organizar workshops relacionados com artes manuais e transformação de alimentos”. Por se encontrar a trabalhar a full-time noutro local, ainda não foi possível implementar outras actividades porque “ideais não faltam”, como refere Ana Catarina Rodrigues.

As visitas guiadas pela quinta são muito apreciadas pelos hóspedes, em que lhes são dados a provar os frutos das árvores. “Temos anoneiras, figueiras, bananeiras, araçazeiros, goiabeiras, nespereiras, laranjeiras e limão galego, que é muito apreciado. Dentro da estufa, temos uma pe-

quena plantação de ananás e uma latada de maracujá. É uma experiência sensorial e gustativa que os hóspedes, principalmente para aqueles que vivem nas grandes cidades, que não esquecem” explica Ana Catarina Rodrigues. Na opinião da proprietária, “um espaço em turismo rural deve oferecer aos hóspedes uma oportunidade de reviver momentos únicos do passado, tradições e práticas culturais da região onde se insere o empreendimento turístico”.

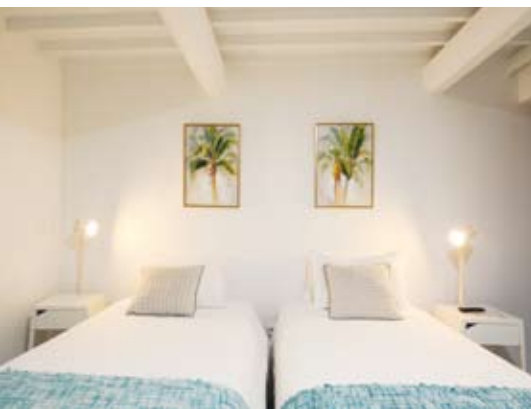
Contou um episódio que sucedeu este verão acerca de uma hóspede que tinha como hobby a observação de pássaros. “Passou tardes inteiras munida com uma câmara fotográfica a tirar fotos dos passarinhos que pousavam na piscina. Disse-me que deveria alargar este ramo de negócio aqui na Quinta pois verificou espécies muito interessantes. Para pensar....”

De modo a desfrutar do que a ilha oferece, os hóspedes costumam pedir reservas para outras actividades, nomeadamente whale watching e espetáculos equestres. Acrescenta ainda que quando chegam à Quinta do Paraíso, no momento do check-





## CHECK-IN



in, presenteios os mesmos com um mapa da ilha de São Miguel, apontando quais os locais mais importantes a visitar, restaurantes, trilhos, aplicações no telemóvel, bem como outras recomendações. “Destaco sempre as lagoas - Sete Cidades, Canário, Empadadas, Furnas e Lagoa do Fogo – e o que devem visitar em cada localidade.” Na Ribeira Grande, recomenda as Caldeiras, a praia do Porto Formoso, as fábricas de chá e o Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas. Sobre as fábricas de chá, diz aos hóspedes “que são um must a visitar e a saborear”. O Nordeste é sempre recomendado por achar um concelho limpo e florido, e também para que possam apreciar o nascer do sol no Miradouro da Ponta da Madrugada. No concelho vizinho, na Povoação, o trilho do Sanguinho no Faial da Terra é um dos que mais promove, não esquecendo também as Furnas, um dos principais pontos turísticos. Acrescenta ainda a Praia do Fogo na freguesia da Ribeira Quente. Na Vila Franca do Campo, o ilhéu e a Fábrica das Queijas da Vila são pontos de visita obrigatória. “Na Lagoa, uma visita à Fábrica da Cerâmica Vieira e em Ponta Delgada, uma visita à exploração do ananás, ao Museu Carlos Machado e ao Mercado da Graça.” Se aconselha um nas-

cer do sol, o por do sol também o é feito, neste caso na freguesia dos Mosteiros. Em suma, todos os concelhos da ilha de São Miguel devem ser visitados devido à oferta variada de cada um deles. Dar atenção personalizada a cada hóspede que chega à Quinta, é importante para a proprietária: “gosto muito de conversar com os hóspedes, de partilhar experiências. Não tenho problemas em falar em inglês e, portanto, tudo é muito natural comigo e sinto que gostam das minhas conversas”. Os hóspedes que chegam à Quinta do Paraíso, 90% são proveniente do estrangeiro, nomeadamente América do Norte, Suíça, Espanha, França e Itália e “ficam encantados com tanta beleza natural, flores em todo o lado, com a boa comida e a simpatia do povo”.

Com um serviço de qualidade personalizado e sendo um espaço acolhedor e familiar, Ana Catarina Rodrigues conta que está sempre aberta a sugestões dos hóspedes para melhorar o serviço: “somos Super Host na OTA Airbnb, classificados com 5 estrelas Gold pela Associação Casas Açorianas e ganhámos o galardão ambiental máximo Miosótis de turismo sustentável. O contacto com a natureza e sobretudo com a agricultura biológica, as diferentes flores, o cantinho de plantas aromáticas,

as sebes de incenso, a plantação de ananás e as diferentes árvores de fruto fazem do nosso espaço um ambiente rural único e familiar aliado a uma decoração contemporânea com conforto.” Os produtos locais e regionais compõem o pequeno-almoço que é servido na antiga adega. As compostas caseiras são confeccionadas pela proprietária com os frutos da quinta. “Quando o tempo permite, o pequeno-almoço é servido no jardim”. Apesar de estar aberto há menos de 2 anos, a taxa de ocupação “no Verão ronda os 97%”, o que para Ana Catarina Rodrigues é excepcional.

Relativamente ao incremento do turismo na região, na opinião de Ana Catarina Rodrigues, o turismo “ainda está equilibrado, mas se não forem tomadas medidas, corre o risco sério de entrar em desequilíbrio com graves problemas para a natureza, paisagem e ambiente”, que considera os principais motivos de atracção das nossas ilhas. Realça a necessidade de ser criado um cartaz turístico que seja mais apelativo para a época baixa. No entanto, se não fosse o crescimento do turismo, na ilha de São Miguel em particular, esta “não se teria desenvolvido e renovado como se está a verificar”.

**RITA FRIAS**